

História e Arqueologia: a Formação da Realeza dos Macedônios*

Neyde Theml

Résumé:

Cet article propose une explication de la formation de la royauté des Macédoniens à travers les données qui nous avons obtenues des archéologues. Nous y étudions les idées des plusieurs archéologues et nous y appliquons, surtout, les modèles théoriques: de la "tombe du guerrier", de Bruno d'Agostino et la suprématie d'une élite guerrière et l'hypothèse d'une vague avancée pour le peuplement de la Macédoine, de Colin Renfrew.

Hoje, o historiador da Antiguidade não pode desenvolver suas pesquisas sem que tenha uma aproximação efetiva com a Arqueologia. Sabemos que a documentação arqueológica é a que cresce a cada ano, enquanto que a documentação textual (não a epigráfica) permanece mais ou menos a mesma. Outrossim, o documento arqueológico nos dá um outro tipo de informação que nos possibilita ter uma visão mais circunstanciada do objeto em pesquisa.

É bem verdade que o nosso objeto de pesquisa nos compelia, mais ainda, por sua natureza, a este diálogo com a Arqueologia, visto que por um lado não possuíamos documentos textuais macedônicos e por outro a do-

* Este artigo é parte da Tese de Doutorado que defendemos na UFF, em 1993, sob a orientação do Professor Dr. Ciro Flamarion Cardoso, com o apoio da CAPES, intitulada: *A Realeza dos macedônios (VIII^o -VII^o séculos a.C.): Uma história do outro*. O diálogo que iniciamos com a Arqueologia deve-se ao excelente Curso que fizemos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), 1986/1987, com o Prof. Dr. Jean-Claude Gardin, amigo muito querido e no Brasil, com as aulas do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso e o apoio dedicado da Prof. Dr^a Haiganuch Sarian. Atualmente desenvolvemos um projeto de pesquisa, com bolsa de produtividade concedida pelo CNPq e com o apoio técnico do LNCC/UFRJ, intitulado: *Relações e representações da philia em Atenas do V^o século*.

cumentação arqueológica, ainda muito pequena, era a que nos informava sobre as culturas que habitaram as regiões entre os rios Áxios e Haliacmon.

Tínhamos um problema técnico do ponto de vista arqueológico e ao mesmo tempo uma vontade muito grande de não desistir da pesquisa, pois considerávamos que a História Antiga, nas vésperas do século XXI, não poderia deixar de lado nem a documentação arqueológica, nem as práticas e conhecimento dos arqueólogos, ainda que as informações que deles obtivemos sejam provisórias, visto que as escavações referentes ao VIIIº e VIIº, séculos a. C. na Piéria ainda não nos fornecem um número de dados relativamente substanciais para que se possa estabelecer explicações mais contundentes.

Sendo assim, procuramos estabelecer um caminho para a pesquisa que se adaptasse à nossa situação desconfortável. Primeiro fizemos um levantamento do *Bulletin de Correspondance Hellénique (BCH)* dos anos de 1959 à 1992, observando exclusivamente as indicações acerca da Macedônia entre os séculos VIIIº e VIIº a.C. e organizando os dados que se referissem aos sítios situados na região da Piéria. A seguir, escolhemos alguns arqueólogos que estudaram outras regiões fora da Macedônia, mas no mesmo período, para tentarmos seguir o modelo de análise que empregavam, num sentido comparativo.

Dentre os pesquisadores que analisamos durante a pesquisa, escolhemos trabalhar, neste artigo, com N. Hammond, J.-N. Corvisier, M. Sakellariou, M. Andronicos, Marija Gimbutas, E. Borza, Claude Bérard, Bruno d'Agostino, Anthony Snodgrass, Patrizia Gastaldi, Gianni Bailo Modesti e Colin Renfrew e outros que recorreremos para fundamentar o modelo de realeza heróica guerreira/sagrada.

Claude Bérard analisa as descobertas arqueológicas em Erétria, na Eubéia, principalmente o complexo funerário de Lefkandi. Compara-o com o de outras regiões helênicas, no VIIIº a.C. e conclui que a tumba monumental do "príncipe" micênico (*hérôon*) ou tumba real foi recuperada socialmente no VIIIº a.C. por um processo político de heroificação que denota a emergência da organização políade e o fenômeno de colonização (fundação de *apoikias*). Anthony Snodgrass confirma esta tese, distinguindo as práticas ligadas ao culto da tumba de um herói (*hérôon*) àquelas relacionadas ao culto dos mortos. Este pesquisador apresenta a heroificação como um dos elementos inovadores do VIIIº a.C. capaz de produzir uma solidariedade inter-grupos e provocar com isso a consciência de identidade cultural, fortalecendo a rede político-social das *póleis* que se formavam. Segundo ele, o *hérôon* era um espaço coletivo de consagração religiosa e de proteção social, símbolo da tradição cultural da comunidade.

O arqueólogo sinaliza que o *hérðon*, a malha urbana, a *ágora*, o templo, a *héstia* comunal, as muralhas, as necrópoles fora dos muros e os altares nas fronteiras apontam, de forma espacial, externa e material para a emergência da *pólis*.

Materialmente, a tumba do príncipe (*hérðon*) apresenta-se com uma arquitetura complexa e monumental, contendo uma variedade de objetos funerários, muitas vezes artefatos de luxo, fabricados no local ou importados, denotando a presença de uma divisão social do trabalho e de um espaço urbano desenvolvido.

Paralelamente à “tumba real”, transformada num lugar de culto e de proteção pública (*hérðon*), encontra-se em outras regiões da península Balcânica (Macedônia) e na Itália, no VIIIº e VIIº séculos a. C., um outro tipo de tumba, chamada de “tumba do guerreiro”. Encontramos o modelo deste tipo de tumba nas pesquisas desenvolvidas por Bruno d’Agostino que analisa a necrópole do sítio de Pontecagnano, na Campânia, e por Gianni Bailo Modesti e Patrizia Gastaldi que estudam um grupo de sepulturas no sítio de Oliveto-Cairano e no vale do Sarno, ambos igualmente na Campânia (VIIIº século a. C.).

Os três pesquisadores concluem que a presença da “sepultura do guerreiro” indica a emergência de um grupo político hegemônico, de uma elite que promove um tipo de organização política da comunidade. A tumba do guerreiro se qualifica pela presença de artefatos funerários que procuram destacar exclusivamente esta “função” militar na sepultura masculina enquanto que os bens de prestígio são depositados na tumba feminina.

Observamos que a presença, no VIIIº/VIIº séculos a.C, destas “tumbas reais” heroificadas e a das “tumbas de guerreiros”, marcam dois espaços com tempos históricos diferentes. Um centro helênico onde se processa a formação das *póleis* e uma periferia onde as comunidades organizam-se politicamente através de uma elite guerreira em forma de chefias ou realidades tradicionais.

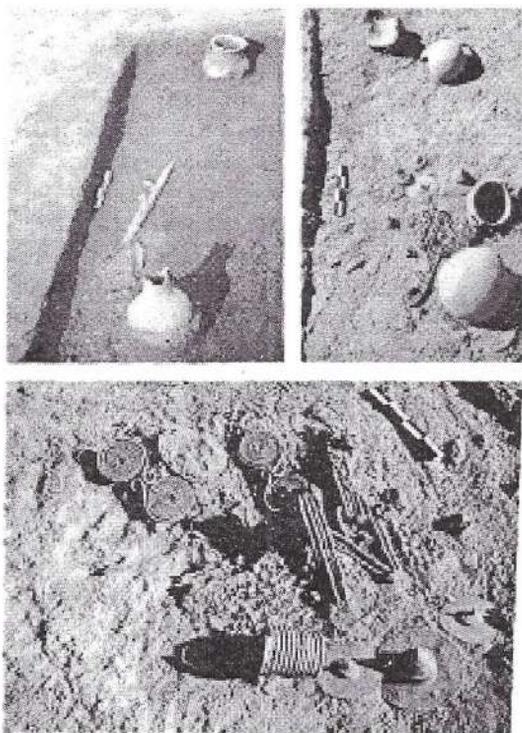
Os achados arqueológicos dos sítios macedônicos entre os rios Áxios e Haliacmon que encontramos através da pesquisa no *BCH* nos indicaram que as comunidades que aí habitavam apresentavam uma complexidade mais simples que as do sul da península Balcânica. As sepulturas, do VIIIº/VIIº a.C., da necrópole de Vergina, pesquisadas por M. Andronicos se aproximam do modelo do tipo de “tumba do guerreiro” de d’Agostino, Bailo Modesti e Patrizia Gastaldi; podemos, portanto, inferir que se processou, nesta parte da Macedônia a emergência política hegemônica de uma elite guerreira.

O complexo funerário da necrópole de Vergina, estudado pela equipe de M. Andronicos e as tumbas referentes ao VIIIº e VIIº séculos a.C.

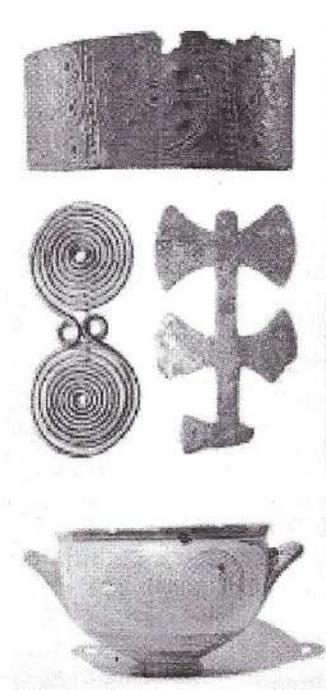
foram publicados no *BCH* de 1959, 1960 e 1961 e o próprio Andronicos publicou um livro, *Vergina the Royal Tombs*, onde trata inicialmente das sepulturas da Idade do Ferro (1000 a 700/650 a. C.).

A necrópole de Vergina mostra um grande número de sepulturas de períodos diversos, indicando que a região havia sido ocupada continuamente desde 1000 a. C. até o período helenístico, com uma crescente complexidade em relação aos ritos funerários, demonstrando que Vergina/Aigai fora sempre um centro político.

Organizamos algumas pranchas, com o material que encontramos no *BCH*, referentes às tumbas do VIIIº e VIIº séculos a.C. em Vergina, para que pudéssemos observar atentamente o material selecionado, analisá-lo, compará-lo, estabelecer as homologias com os estudos de Lefkandi e da Campânia, e, a seguir, tentar uma generalização.



(Manolis Andronicos. 1984, p. 28 – tumbas masculina à esquerda e feminina à direita – Vergina – Idade do Ferro.)



(Andronicos, 1984, p. 29 – sepultura feminina – diadema, fibula em oito, machado triplo com duplo eixo e skyphos com decoração em círculos concêntricos – Vergina)



(Bruno d'Agostino, 1990 – p. 220 – tumba masculina, Campânia)

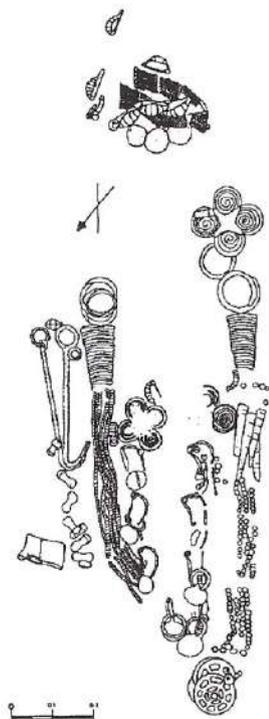


Fig. 15 - Pianta della tomba 176: il particolare del vestito funerario.

(Patrizia Gastaldi, 1990, p. 238 - tumba feminina
- necrópole do Valle del Sarno)

Em relação às tumbas masculinas, observamos a simplicidade do mobiliário funerário. O homem era enterrado com dois vasos de cerâmica, sem decoração ou imagem, e com as armas de guerra (espada, pequenas facas, lanças ou pontas de seta). Em contrapartida, as tumbas femininas possuem uma variedade de artefatos da vida quotidiana da mulher, objetos votivos e jóias adornando o corpo. O morto ostentava sua função guerreira; a mulher, o seu papel na família, na casa e na comunidade através dos bens de prestígio do grupo. A guerra, a riqueza e a fecundidade eram reforçados nas tumbas como valores a serem preservados. Além do mais, Andronicos encontra, entre os túmulos, um grande número de sepulturas formando uma rede apertada, que segundo ele seria a indicação de que o cemitério pertenceria a uma comunidade bem organizada em famílias ou grupos domésticos que começavam a estabelecer uma hierarquia social.

Comparando a documentação proveniente de Lefkandi com a da Piéria, fica claro que, quanto à forma e ao mobiliário funerário, a Macedônia é uma região periférica em relação às regiões de formação políade. A documentação nos leva a aproximar o caso dos macedônios das teses sobre a emergência do poder político de uma elite guerreira. Mas, como toda cultura tem suas especificidades, observamos que, se por um lado os pastores da Piéria iniciam um processo de organização política definindo o território, por outro, este processo de formação da realeza se estrutura através de práticas sociais de conservação da tradição.

Em relação a este aspecto de preservação da cultura ancestral, Hammond nos diz que, por volta do VIIIº século a.C., os macedônios pastores transumantes, passaram a ser ao mesmo tempo pastores e agricultores. Neste processo conservaram inicialmente a organização tribal que conheciam, e aos poucos foram se adaptando ao princípio de residência fixa. Em relação ao exercício do poder político, mantiveram a liderança na família dos Argeadae/Temenidae.

Acreditamos que os Argeadae/Temenidae possuíam a função de depositários da tradição da comunidade dos pastores e que este fator foi que lhes garantiu uma posição de liderança quando a comunidade se tornou sedentária. Conhecer o passado garantia a autoridade da família, manter este conhecimento significava conservar o exercício do poder.

Podemos utilizar estes conceitos de preservação da tradição e da resistência, pela presença nas sepulturas, de objetos que marcavam a identidade cultural das comunidades que habitavam a Piéria, a saber: fibulas em forma de oito, machado triplo, espada de guerra e diadema da morte. São, estes, objetos que marcam uma distinção cultural (comunidades ligadas ao complexo cultural do norte) e “funções” sociais eleitas como prioritárias: espada/guerra; machado triplo/sacrifício; fibula/adorno/ostentação de riqueza; diadema/alteridade — vida/morte.

É interessante observar que estas conclusões são respaldadas pela concepção de Bruno d’Agostino e Alain Schnapp que consideram as sepulturas e os ritos funerários como sendo o resultado de atos intencionais, de condutas determinadas no sentido de possuírem uma significação socioideológica, criando portanto na comunidade representações sociais que devem ser reproduzidas e valores que devem ser preservados.

Compreendemos o caso da comunidade de Aigai através da dinâmica que se processa nos embates entre centro/periferia e mudança/resistência. Para estes dois processos encontramos duas explicações que nos pareceram apresentar pontos comparativos pertinentes ao caso da Macedônia. Lotte Hedeager, ao estudar as relações dos germanos (periferia) com os romanos (centro), demonstra que a circulação da cultura fez com que, em

relação aos germanos, se processasse uma hierarquia social encabeçada pela atividade guerreira, a formação de confederações tribais e a utilização da cultura material romana como bens de prestígio ostentados pela Chefia. As relações de interação cultural provocaram mudanças de ordem política, mas as tradições germânicas foram mantidas.

Estes fenômenos — comunidade periférica, resistência à mudança e conservação da tradição — aparecem indubitavelmente na história da formação da realeza dos macedônios. Podemos afirmar que no VIII^o século as comunidades de pastores transumantes da Piéria iniciam um processo de sedentarização e emergência do poder político de uma elite guerreira que se organiza em forma de realeza através da liderança da família dos Argeadae/Temenidae. As tumbas do tipo “do guerreiro” demonstram a formação de uma hierarquia social e o mobiliário funerário indica a preservação da tradição e da cultura como elemento de identidade social.

As sepulturas da necrópole de Vergina e de outros sítios da Macedônia, correspondentes ao VIII^o/VII^o séculos a.C., apresentam objetos típicos da cultura do norte, como o machado triplo, os discos em *omphalós*, o diadema mortuário e principalmente a decoração da cerâmica com motivos geométricos, destacando-se os círculos e semi-círculos concêntricos, decoração favorita das tumbas mais ricas.

Para demonstrar que existia entre as comunidades da Macedônia um longa tradição de manutenção dos padrões culturais, observamos um traço, como a decoração da cerâmica com motivos geométricos desde o Neolítico à Idade do Ferro (VIII^o/VII^o séculos a.C.) e constatamos a permanência da decoração geométrica. Nossa região não conheceu na representação gráfica nenhuma outra forma que não fosse a geométrica entre 700 e 650 a.C.

A Macedônia entre os rios Áxios e Haliacmon foi povoada desde o Neolítico até Idade do Ferro por diversas comunidades com culturas diferentes, mas que formaram um complexo cultural comum, o qual passou a ser compreendido como bem coletivo e referência existencial.

Inicialmente a cultura neolítica se generalizou, com padrões culturais específicos. Mas, durante os períodos das culturas do Bronze e do Ferro, conviveram simultaneamente padrões culturais diversos. As mudanças seguiram um ritmo diferente nas regiões da Macedônia que tendiam para uma unidade cultural, mas também em relação às regiões mais ao sul da península Balcânica que iam formando a cultura Micênica. A partir da Idade do Bronze poderíamos dizer que o norte organizado em Chefias e o sul em Realezas palacianas do tipo Micênico marcavam a distinção centro/periferia.

Como dissemos acima, existiam entre as comunidades das regiões macedônicas, uma coerência social e problemas comuns. Os grupos conviviam com a diversidade cultural e étnica mas se reconheciam como um mesmo bloco em relação aos povos do sul.

Faremos uma pequena síntese do povoamento da Macedônia para que fique clara a formação da identidade cultural.

Hammond apresenta, para a cultura neolítica, uma periodização que vai de 6200 a.C. a 2800 a.C. Durante este período, as comunidades neolíticas das regiões do norte da Macedônia entram em contato com a cultura neolítica chamada de Starcevo, da região da antiga Iugoslávia, com a cultura Karanovo/Vinca (Trácia) da região atual da Bulgária, com a Cultura Cris, da atual Romênia e com a cultura Koros, da atual Hungria. Os sítios de Vrsnik e Anza, a nordeste do rio Áxios, apresentam artefatos de cerâmica que reproduzem as características da Cultura de Starcevo, Karanovo e Vinca.

Marija Gimbutas estuda o sítio de Anza, de 7000 a.C. a 5000 a.C.. Observa que Anza era uma aldeia organizada e a seqüência estratigráfica apresenta uma ocupação contínua, sendo o sítio abandonado em 5000 a.C. Os artefatos, a técnica, a decoração, o estilo da cerâmica demonstram uma intercomunicação deste assentamento com a Cultura de Starcevo e Karanovo. A autora apresenta um quadro onde a cerâmica pintada de vermelho, marrom e branco da Cultura de Starcevo aparece em Anza por volta de 7080 a.C.. Os desenhos florais geometrizados de Starcevo aparecem em 6900 a.C., os motivos geométricos em 6700 a.C e os motivos geométricos com linhas quebradas da cultura Karanovo em 5300/5000 a.C. Além da cerâmica pintada, o sítio de Anza continha sepulturas em *pithoi* (6300/6000 a.C.), com berloques, contas e flautas, (6000 a.C.); figuras femininas estereotipadas (5800/5500 a.C.) e ossos de animal com caneluras (5300 a.C.). Tais aspectos, segundo a autora, ligavam-se à cultura Karanovo/Vinca, como também um *pithos* em forma de pássaro pintado em vermelho (5300 a.C.). Para a arqueóloga, o rio Áxios foi a via de penetração da Cultura de Starcevo e Karanovo da Pelagônia até Vergina (no sudeste do Haliacmon), no norte da Piéria.

Hammond, verifica que ainda no Neolítico, o sul da Macedônia entrava em contato com a cultura neolítica de Sesklo (Tessália — 6000 a.C.). Nos sítios de Sérvia, Malik, Porodin, Vergina, por exemplo, ele encontrou cerâmica com incisões, sepultura em *túmulus*, casas mais ou menos quadradas, algumas apresentando sinais de três divisões internas, artefatos em cerâmica em forma de casa, modelos em cerâmica de altares, falos em cerâmica e figuras femininas de argila.

Borza apresenta uma periodização diferente para o Neolítico macedônico. O Neolítico Antigo iria de 6200 a 5300 a.C.. Toma como exem-

plo o sítio de Nea-Nicomédia, onde encontra vestígios de casas, cemitérios e objetos que estariam ligados à cultura proto-Sesklo. O Neolítico Médio se estenderia de 5000 a 4000 a.C.. O sítio analisado, neste caso, é o de Sérvia, onde a cultura material encontrada seria típica da cultura de Sesklo e Karanovo, enquanto o sítio de Porodin, na Pelagônia apresentaria traços da cultura de Starcevo. O Neolítico recente caracterizaria a fase de 4000 a 2800 a.C., quando ele observa um certo movimento cultural que atribui à movimentação de povos na área do rio Áxios.

Corvisier nos oferece um levantamento do total de sítios estudados na Macedônia. Segundo ele são 100 correspondendo ao Neolítico, 70 ao Bronze Antigo, 60 ao Bronze Médio, 80 ao Bronze recente, 110 para a Idade do Ferro A e 130 para o período Clássico. Segundo os seus cálculos, os sítios do Neolítico possuem uma densidade demográfica de 0,1 a 0,5 habitantes por km², enquanto os da Idade do Ferro A teriam uma densidade de 4 habitantes por km². Este dado nos indica um crescimento populacional durante a Idade do Ferro e se aproxima dos modelos de vaga avançada e de supremacia de uma elite, sugeridos por Renfrew, que estudaremos mais adiante e são confirmados pela "sepultura do guerreiro" como indicativo da hierarquização social. Para Corvisier, existem nuances regionais, mas a tendência era de crescimento demográfico.

Encontramos uma referência diferente no livro coordenado por Treuil, onde aparece, para o Neolítico Médio uma densidade demográfica de 4 a 5 habitantes por km². Tal obra sugere ter havido uma queda e, posteriormente, uma nova elevação demográfica no período do Ferro.

Colin Renfrew, ao discutir as questões da língua dos indo-europeus, propõe dois modelos gerais para se opor às explicações migracionista/invasionista e difusionista da passagem de sociedades de baixa complexidade para sociedades de alta complexidade. Ele apresenta o modelo de Vaga avançada e o modelo de Supremacia de uma elite guerreira — modelos estes que reforçam as teses, já mencionadas, de Claude Berard, Bruno d'Agostino, Gianni Modesti e Patrizia Gastadi.

O modelo de Vaga avançada parte dos elementos seguintes: 1º- existe um movimento demográfico de curta distância, por gerações; 2º- a adoção da agricultura num território de caçadores/coletores ou de pastores provoca um crescimento demográfico; 3º- a introdução de técnicas agrícolas faz crescer a população de 1 hab. por km² para 5 hab. por km²; 4º- quando a população atinge uma densidade maior que a capacidade de inovação técnica aparece no modelo um ponto de saturação: sendo assim, torna-se possível que cada nova geração forme uma Vaga avançada e se desloque aleatoriamente de um determinado centro; 5º- a progressão da Vaga avançada foi exemplificada da seguinte forma: Se a densidade demográfica de

cultivadores/pastores se elevar a 5 hab. por km² e a população dobrar em 18 anos, o primeiro movimento da Vaga avançada pode ser fixado num movimento aleatório de 18 km para cada geração (25 anos), neste caso a Vaga avançada se desloca 1 km por ano; 6º- a nova economia agrícola foi a que permitiu que a população ultrapassasse a densidade de 0,1 hab. por km² e chegar a 5 ou 10 hab. por km²: sendo assim, a expansão da gerações dos locais das "fazendas" distava de 20 a 30 km: as crianças que começavam a nascer estariam distantes de seus ancestrais e de sua cultura; 7º- a Vaga avançada, de acordo com a região que vai ocupando, ajusta seu conhecimento aos recursos naturais, introduzindo e adaptando os vegetais e animais que com ela vieram e explorando tudo aquilo que fosse novo: experimenta novas técnicas, novas plantas e animais. Novas aldeias são construídas e o processo se inicia para formação de uma nova Vaga avançada; 8º- A interação entre as comunidades se faz através de uma rede de trocas entre iguais.

Renfrew não descarta, ao tratar da Vaga avançada, as variáveis ligadas ao desejo de aventura, à vontade de conhecer lugares longínquos, à expulsão de um membro da comunidade e outros casos particulares. E nós não abandonamos a variável de invasões: ela pode aparecer, dependendo das circunstâncias de equilíbrio de fronteiras. Para ele, o resultado global da Vaga avançada é ser sempre o mesmo, ou seja, a agricultura se propaga para o exterior da zona cultivada numa proporção relativamente estável.

Este modelo pode ser aplicado a qualquer comunidade que venha a incorporar uma nova técnica de exploração econômica, suscetível de produzir o aumento da população, da densidade demográfica em alguns locais; e um ponto de saturação no interior do sistema social.

Renfrew alia o modelo de Vaga avançada ao de Supremacia de uma elite guerreira. O modelo de Supremacia de uma elite pressupõe: 1º- que a sociedade seja organizada e que apresente uma hierarquia ou estratificação, diferente das relações de parentesco; 2º- que o comando seja assegurado por um chefe, sustentado por guerreiros e por uma administração central; 3º- a Vaga avançada composta de um grupo imigrante socialmente organizado, com eficácia guerreira que permite submeter a população anteriormente existente.

O autor considera que, numa sociedade de chefia, embora haja uma certa centralização, não existe burocracia administrativa associada ao Estado. A sociedade não se divide em classes sociais, mas funciona por um sistema hierarquizado através das relações de parentesco, ou por relações de proximidade com o chefe, ou ainda por atividades diferenciadas como guerreiros, sacerdotes e artesãos especializados. Muitas vezes, neste tipo de sociedade aqueles que dominam as técnicas equestres se sobrepõem politicamente aos demais.

Arqueologicamente d'Agostino e Bailo Modesti explicaram, através da análise do mobiliário funerário, a emergência política de uma elite guerreira em sociedades do tipo tradicional. Os dois arqueólogos observaram a existência de uma sociedade de chefia guerreira, através das diferenças do habitat, mas principalmente pelas sepulturas individuais com a presença de objetos "funcionais": armas e bens de prestígio depositados cuidadosamente em tumbas masculinas e femininas. Estes dados indicariam a presença de um chefe e de uma estratificação social, marcando a formação de uma elite guerreira.

Tratemos agora de introduzir nestes modelos dois outros componentes. Em primeiro lugar, o fator renovação, que pressupõe que as inovações numa sociedade circulam de acordo com o controle que certos grupos possuam dos veículos de informação de que dispõe a sociedade. Assim, determinados grupos sociais se diferenciam dos outros, seja pela capacidade de absorver o novo, seja por se manter ligados às práticas antigas. Este jogo de mudança e permanência vai delinear os níveis ideológicos dos grupos sociais. O fator renovação nos induz a afirmar que o homem em sociedade cria uma linguagem simbólica e a transmite às novas gerações, produzindo práticas sociais que se tornam hábitos norteadores, ou seja, referências existenciais. Portanto, a renovação pressupõe a quebra desses hábitos, exigindo do homem, dos grupos sociais uma tomada de decisão, uma habilidade em perceber as oportunidades e manter-se continuamente informados, compreendendo o sentido das diversas mensagens que circulam.

O segundo componente se refere a *fricção-étnica* ou *inter-étnica* provocada pelo encontro entre duas culturas diferentes, produzindo a valorização dos costumes ancestrais como forma de defesa e de manutenção da identidade social.

Os modelos de Vaga Avançada e emergência política de uma elite guerreira podem ser aplicados ao caso da formação da realeza dos macedônios. As sepulturas de Vergina apresentam as mesmas distinções "funcionais" das da Campânia; e a persistência da decoração com motivos geométricos nos indica a manutenção da tradição, assegurando à elite guerreira e à família do chefe o exercício do poder político capaz de unificar as diversas tribos.

A análise do sítio de Anza nos indicou que as comunidades neolíticas reagiram às inovações técnicas produzidas pela divulgação do trabalho do bronze e posteriormente do ferro e até mesmo à fundação da realeza mas a identidade cultural foi se consolidando no seio do *étnos* dos macedônios, que se apresentaram como preservadores da tradição. Este processo de preservação da cultura pode ser explicado pelas condições da Macedônia, um lugar de passagem de povos e de economia predominantemente pastoril.

Para se compreender a formação da identidade étnica dos macedônios e sua prática de resistência às mudanças, faremos um breve histórico da ocupação, conquista e fixação dos macedônios.

Os indo-europeus (bronzeiros) chegam à Macedônia, segundo Hammond, por volta do ano 2600 a. C.: nesta época se percebe sua presença nas margens do rio Áxios. O mesmo historiador afirma que teria havido uma outra vaga aproximadamente no ano de 1350 a. C., com a qual ele já considera iniciar-se a Cultura do Ferro na Macedônia.

Corvisier, Sakellariou, Borza e Gimbutas apresentam uma situação um pouco mais complexa. A Idade do Bronze estaria associada, na Macedônia, a três culturas: 1º- a cultura Kurgan (2400/2300 a. C.); 2º- a cultura dos brígios ou da cerâmica de Lausitz (1140/1080 a. C.); 3º- a cultura trácia, que estaria presente na Macedônia desde a Idade do Bronze Antigo até 1400/1200 a. C.

Hammond, Corvisier e Gimbutas acreditam que a cultura do tipo Kurgan é indo-européia. A cultura Kurgan seria um complexo cultural que provocou modificações na Europa a partir de 3500 a. C. Ela se espalha pela Macedônia, Épiro e Tessália.

Hammond apresenta o estudo de sítios arqueológicos do tipo Kurgan na Sérvia e em Vergina, na Piéria, mas considera que tal cultura teria se espalhado da Pelagônia a Histiaeotis, no monte Olimpo. Esta cultura ocupou o vale do Haliacmon e seria formada por vários grupos com diferentes dialetos indo-europeus, entre eles o *Dorikon Makednon éthnos*, citado por Heródoto (Histoires:VIII, 46). Seriam pastores transumantes que haviam domesticado o cavalo e o cachorro. Este *éthnos*, como os demais grupos indo-europeus não era exclusivamente formado de pastores, mas os pastores/guerreiros eram aqueles que constituíam a elite que exercia o poder político.

Sakellariou e Borza consideram que a cultura Kurgan corresponderia a uma mistura de etnias, entre as quais estariam os indo-europeus, que se deslocaram da Ucrânia ou das estepes euro-asiáticas e daí desceram para a Macedônia. Esta cultura se caracteriza por traços com o machado de combate, armas (pontas de lança, clavas de pedra, espada), sepulturas em *tumuli* individuais/intramuros, cerâmica cordoada, carro de guerra, casas de madeira com plano retangular e abissal parcialmente enterradas, mós, pilões de moer e o uso do motivo de círculos concêntricos na decoração da cerâmica.

Sakellariou apresenta a cultura Kurgan na Macedônia desde o Bronze Antigo ou Heládico Antigo III, compreendendo vários éthne entre eles os dos macedônios, dos magnetas (Tessália) e os molossos (Épiro). No seu entendimento, o monte Lakmos, na cadeia do Pindo, teria sido povoado pelo

éthnos dos Makdnoi. Os sítios de Cultura Kurgan são, para ele, aqueles nos quais se encontram: 1º- *Tumuli* funerários — tumbas em fosso, em cista e tumbas em *pitho*: os *tumuli* são montículos artificiais de terra que abrigam sepulturas individuais (talvez necrópoles da elite guerreira); 2º- nas sepulturas aparecem: ocre, pele de animais, cerâmica cordoada, armas (lanças, facas, espadas), machado de combate em pedra, alfinetes de bronze; 3º- casas em forma abobadada (abissal).

Borza afirma que, entre 2600 e 1900 a 1600 a.C., a seqüência estratigráfica dos sítios de Sérvia e Vergina demonstram que estas localidades foram povoadas por povos de língua proto-grega. Quanto à cultura trácia, estaria presente na Macedônia desde o Heládico Antigo III até 1400/1200 a. C. Tal cultura corresponde a uma mistura de etnias e, segundo Hoddinott, foi responsável pela cultura de Karanovo, durante o Neolítico. Na Idade do Bronze, atravessa o rio Áxios e se expande até a Tessália. Os sítios considerados típicos da cultura trácia apresentam sepulturas em cista, onde se encontram machados, armas, furadores, cerâmica com desenhos geométricos simbolizando o sol, cornos de animais em forma de lua crescente, espirais, círculo solar com uma cruz atravessada, linhas quebradas, recipientes antropomorfos e figuras femininas. Hoddinott informa-nos que essa cultura era formada essencialmente de pastores que procuravam planícies férteis.

Durante a pesquisa, verificamos que a cultura trácia marcou de tal maneira a Macedônia que, nos documentos textuais, os trácios aparecem como ocupantes de algumas regiões da própria Macedônia.

Mais ou menos contemporâneos aos brígios chegaram os peônios entre 1150 e 1080 a.C. Os sítios indicam sua presença, pois aparece um tipo de cerâmica em forma de âncora, cerâmica desenhada com símbolos circulares em linha cheia ou pontilhada, círculos e quadrados cruzados. Este símbolo cruzado permanecer em outros suportes. Bem mais tarde o encontramos, por exemplo, no anverso das primeiras moedas dos peônios e dos macedônios.

A cultura dos brígios foi responsável pela cerâmica de Lausitz. Na Macedônia, ela é datada de 1140/1080 a. C. até 800 a.C.. Eles foram ocupando regiões onde estavam os grupos chamados de cultura peônia e chegaram até Vergina, convivendo com ou deslocando os *éthne* de cultura Kurgan, entre eles os macedônios. Corvisier acredita que os brígios dividiram o território do Bermion com os macedônios. Na região do Monte Bermion teriam como centro de povoamento a localidade de Edessa. Talvez por esta razão, a historiografia do início do século XX tenha considerado Aigai como Edessa.

Hammond explica que os brígios se moveram do norte do Áxios, entrando pela Pelagônia. Expulsaram os peônios do vale norte do Áxios.

Um grupo seguiu em direção à Ilíria e ao Épiro, a oeste; outro grupo se dirigiu para o sul, até Vergina. Neste movimento, empurraram os molossos para o Épiro (Dodona), os macedônios, entre eles os *Argeadae/Temenidae*, do Bermion para Piéria e os Orestae para Orestida. Estes últimos teriam estabelecido pequenas aldeias (*kómai*) sem muros em Boufari (que, segundo Corvisier, seria a região de Lebaia citada por Heródoto: *Histoires VIII*, 137). Podemos verificar, então, que a região da Macedônia conviveu com uma série de etnias.

Em relação à incineração na Idade do Bronze Recente e os sítios em campos de urnas, que estariam ligados aos brígios, encontramos entre os pesquisadores uma tendência a mostrar que esta forma de sepultamento foi temporária. A inumação tendeu a predominar, em túmulos em forma de cista individuais ou, no interior, em túmulos coletivos em forma de *tholoi* (construção circular). Uma outra observação, em relação aos campos de urnas, é que foram encontrados sítios com esta forma de sepultamento — urnas com cinzas do morto — desde o Bronze Antigo I, o que nos leva a crer que não corresponde a um traço cultural exclusivo dos brígios.

Um outro dado referente à incineração e à inumação, é que estas práticas não indicariam a presença de novos povos, mas sim, concepções diferentes acerca da morte e dos mortos, nos permitindo observar uma ideologia funerária que nos indicaria a existência de uma divisão social: de classes, de idades e de sexos.

Parece que todas essas culturas que se desenvolveram durante a Idade do Bronze utilizaram-se da prática de inumação, o que nos levaria a inferir uma unidade religiosa pelo menos no que referente à representação da morte, seus ritos e sua estética.

Os brígios movimentaram-se para a Frígia por volta de 800/700/650 a. C.. Segundo a explicação mais freqüente que encontramos, isto seria resultado de um movimento geral, em que os cimérios pressionam os trácios, os peônios e os ilírios.

Ainda relativo ao Bronze recente, foram encontrados sítios datados de 1350/1150 a.C, no sul e no centro da Macedônia, onde aparecem vasos pintados no estilo micênico. A forma mais difundida, nestes sítios é o *skyphos* e parece que a sua presença se deve as trocas de longa distância.

Podemos verificar que a Idade do Bronze na Macedônia foi formada por uma rede de povos que produziram uma cultura material calcada principalmente na inumação, na fabricação de armas (a espada de ferro encontrada nos *tumuli* próprio da preservação da tradição), e na fabricação de objetos de adorno pessoal feminino como fíbulas, anéis e braceletes. A cerâmica era decorada com formas geométricas: círculos, círculos concêntricos, círculos cortados em cruz, espirais, linhas quebradas, linhas pontilhadas.

das, linha reta, ziguezagues, triângulos e quadrados. Motivos estes que permaneceram nos vasos das sepulturas da Idade do Ferro. Os motivos geométricos parecem ser uma marca destes povos, eles estão presentes do Neolítico à Idade do Ferro, sem nenhum desvio até agora encontrado.

O repertório de formas predominantes dos vasos, durante o VIIIº ao VIIº séculos a.C., são as tigelas com as bordas decoradas com incisões, os cântaros com alças em forma de cornos de cabra, os cântaros com bico, as crateras e o *skyphos*.

Quanto à situação do povoamento dos sítios, encontra-se grande variedade. Ora nos sítios aparecem sinais de incêndio, ora de abandono, ora de continuidade do povoamento. Com isto, não nos é possível decidir se as rupturas da ocupação tenham sido resultado de uma grande invasão, de infiltrações ou de Vaga avançada. A constante é que a cultura circulou entre as diversas etnias, formando um complexo cultural padronizado facilmente reconhecível, e que a região da Piéria, Vergina/Aigai foi, com certeza, um assentamento permanente do ano 1000 a. C. ao I séc. a. C..

A Piéria e a Emathia tiveram contatos estreitos com o norte da Península Balcânica e, esporadicamente, com o leste do Egeu e o sul micênico. As regiões centrais e do noroeste voltaram-se predominantemente para o norte da Europa. De qualquer forma, a Macedônia ficou muito mais ligada ao conjunto cultural do norte/oeste/leste balcânico (periferia) do que com o sul micênico (centro micênico e mais tarde *póleis*).

Uma outra observação que fizemos através dos pesquisadores que lemos é que, para a Idade do Bronze na Macedônia, não foram encontradas construções do tipo palaciano, como as de Pilos ou de Micenas. Por exemplo, em Vergina, Edessa e Boufari o que havia eram assentamentos aldeãos, sem muralhas, onde as culturas Kurgan, trácia e brígia predominavam, permanecendo até o VIIIº/ VIIº séculos a.C..

As indicações da cultura material encontrada entre os rios Áxios e Haliacmon, até o monte Olimpo, mostram que os macedônios, os trácios e os brígios eram culturas guerreiras; e que os objetos micênicos estavam presentes através de contatos de trocas esporádicas: é o caso, por exemplo, em Amydon, no Áxios.

Confirma-se a nossa hipótese de que há uma preservação da tradição na Macedônia quando observamos que na Idade do Ferro a presença dos ilírios (800/700 a 650 a. C) e dos helenos do sul (730 a. C — Metone, Mende) coincide com a emergência política de uma elite guerreira macedônica que funda Aigai e a realeza, fato demonstrado pela necrópole de Vergina com o sepultamento do tipo “ tumba do guerreiro”.

Heurtley considera que, na Macedônia, a Idade do Ferro se estendeu de 1100 a. C a 650 a. C.; Andronicos de 1000 a.C a 700 a.C.; e Hammond,

de 1050 a. C a 550 a. C. Isto significa que as comunidades aldeãs agrícolas e tribos de pastores predominavam e a malha urbana era rara, somente aparecendo no litoral através da colonização helênica do VIIIº ao VIIº séculos a. C.

Hammond entende que os macedônios do oeste em 1150/1100 a.C., ao se movimentarem sob a pressão dos brígios, teriam se desmembrado em três *éthne*: os makednós que se instalam na Piéria, os magnetos que se dirigiram para a Tessália e os dórios que passaram pela Tessália e se deslocaram para o sul. Observa que Edessa e Vergina, entre 1400 e 800 a. C., são sítios de colonização dos brígios e dos macedônios, e que por volta de 1100 a. C., os brígios e macedônios *Argeadae/Teminidae* teriam formado uma primeira forma de unidade política, *synoikoi*.

Para ele, somente as seqüências estratigráficas das escavações de Vergina datadas de 725/700 a.C., onde aparece a “tumba do guerreiro”, indicariam a independência dos macedônios promovida pela família *Argeadae/Teminidae*. A necrópole de Vergina acaba por ser, posteriormente, sede da Tumba Real (da mesma família).

Se brígios e macedônios dominaram esta região durante a Idade do Bronze e do Ferro, (cultura Kurgan/brígios) em 900 a. C. e se o sinal da emergência do poder político (elite guerreira/ realeza guerreira sagrada) aparece através da tumba do guerreiro, antes da chegada dos ilírios (800 a.C. até 650 a. C.), podemos inferir que o período de 900 a 650 a. C. foi o tempo de formação e consolidação da realeza dos macedônios, liderada pelos *Argeadae/Teminidae*, citada na documentação textual por autores da época clássica.

Confirmando esta premissa, Sakellariou nos diz que em Vergina, entre o Heládico Médio/Recente e a Idade do Ferro, de 100 *tumuli* estudados pelos arqueólogos, 350 sepulturas são em poço ou cista, o que indica a presença da cultura Kurgan. O mesmo fato aparece na Pelagônia e na Lincestida.

Corvisier também nos fornece dados que confirmam o período de 900/650 a. C. para a fundação da realeza. Ao estudar o povoamento da Macedônia nos indica que existem, nos sítios explorados na Macedônia, dois tipos de cerâmica durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Assim, segundo sua classificação, teríamos uma cerâmica local fortemente marcada pela continuidade (Kurgan), e uma cerâmica importada. A diferença entre estes dois tipos de cerâmica aparece por volta de 1350 a. C., quando a decoração com ornamentos retilíneos desaparece em favor de ornamentos largos, redondos, espiralados, combinados com triângulos e ziguezagues e a cerâmica de Lausitz (canelada), embora esta última cerâmica tenha sua data de aparecimento discutida.

Corvisier considera que, de 1080 a 800 a. C. é certa a presença do *éthnos* dos macedônios na Piéria. Acredita que a cerâmica da Idade do Fer-

ro seja o resultado de uma mistura entre elementos locais e importados. Andronicos confirma esta opinião quando afirma que a maior parte da cerâmica advinda da necrópole de Vergina, feita à mão, testemunha a continuação das técnicas mantidas pela tradição local.

Este diálogo com a Arqueologia nos permitiu comprovar, através da cultura material, algumas hipóteses.

A Macedônia foi povoada por diversos *éthne* com culturas diversas, estando entre eles os macedônios, que eram indo-europeus, pastores, guerreiros, bronzeiros/ferreiros e agricultores (cultura Kurgan). Tal região foi um corredor de movimentação de povos e culturas mas viu surgir do Neolítico à Idade do Ferro, um padrão cultural que unia as comunidades e possibilitava a formação de uma identidade sócio-cultural.

Passou de chefias locais para realezas locais entre 900 e 650 a.C., entre elas a dos *Argeadae/Temenidae*, ligados ao *ethnós* dos macedônios. As sepulturas desta época demonstraram que o mobiliário funerário marcava a emergência política de uma elite guerreira. As tumbas valorizavam a “função” social e faziam da elite guerreira alvo da atenção socio-política.

Durante o VIIIº e VIIº séculos a.C., a Macedônia corresponde espacialmente à periferia das regiões em que se processava a emergência política. Reage às mudanças que provinham das regiões políades voltando-se para o passado e reativando um processo de valorização da tradição. A elite guerreira e sagrada promoveu a emergência do poder político, unindo as populações da Piéria num centro fixo e desenvolvendo um processo de identidade cultural (norte/periferia/realeza- *éthnos*).

Documentação citada

HERÓDOTE. *Histoire*. Livre VIII., Uranie. Paris: Belles Lettres, 1973.

Bibliografia

ANDRONICOS, M. *Vergina The Royal tombs*. Athens: Ekdotike Atheneon S. A., 1984.

BÉRARD, Claude; Récupérer la mort du prince: héroisation et formation de la cité. In: *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Paris: Ed.Maison des Sciences de l'Homme, 1990, pp 89-106.

BOARDMAN, J. et. al. *Leffandi I: The iron age text, the settlement*. Oxford: Thames Hudson, 1980.

- BORZA, E. Athenians, Maceonians, and the origins for the Macedonian Royal house. *Hesperia*, Supplement 19, 1982.
- _____. *In the shadow of Olympus: the emergence of Macedonia*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.
- CARLIER, P. *La royauté en Grèce avant Alexandre*. Strasbourg: AECR, 1984.
- COLDSTREAM, J.N. *Geometric Greece*. Methuen: Cambridge University Press, 1977.
- CORVISIER, Jean-Nicolas. *Aux origines du miracle grec, peuplement et population en Grèce du Nord*. Paris: PUF, 1991.
- D'AGOSTINO, Bruno L'ideologia funeraria nell' età del ferro in Campania. In: *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Paris: Ed.Maison des Sciences de l'Homme, 1990, pp 203-222.
- GARDIN, Jean-Claude. *Le calcul et la raison. Essais sur la formalisation du discours savant*. Paris: CNRS, 1991.
- GASTALDI, Patrizia; Le necropoli protostoriche della Valle del Sarno: Il passaggio dalla qualità alla quantità. In: *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Paris: Ed.Maison des Sciences de l'Homme, 1990, pp 223-240.
- GIMBUTAS, M. Excavation at Anza Macedonia. *Archaeology*, vol.25, n° 2, april, N.York, 1972.
- HAMMOND, N.G.L. *A History of Macedonia*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- _____. *The Macedonian State: the origins, institutions and History*. Oxford: Clarendon Press, 1989.
- HEDEAGER, Lotte La frontière et l'Hinterland Barbare: Rome et l'Europe du Nord. In: *Centre and Periphery in Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HEURTLEY, W. A. Prehistoric Macedonia an archeological reconaissance of greek Macedonia. In: *The Neolithic, Bronze and Early Iron Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1939.
- HODDINOT, R. F. *Les Thraces*. Paris: Armand Colin, 1990.
- JACOB, Ch. *Géographie et ethnographie en Grèce acienne*. Paris: Armand Colin, 1991.
- KALLÉRIS, J.N. *Les anciens macédoniens: Études linguistique et historique*. Athènes: Institut Française d'Athènes, 1954.

- LUCE, J.V. *Homero y la edad Heroica*. Barcelona: Editora Destino., 1984
- MAQUET, J. *Les civilisations noires: histoire, techniques, arts, sociétés*. Verviers: Marabout Université, 1966.
- MODESTI, G.B.M. L'emergence di un potere politico. In: *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Paris: Ed.Maison des Sciences de l'Homme, 1990, pp 241-256.
- RENFREW, C. *L'énigme indo-européenne: Achéologie et langage*. Paris: Flammarion, 1990.
- SAKELLARIOU, M. *Les proto-grecs*. Athenes: Ekdotike Athenon S.A., 1970.
- _____. *Peuples préhelléniques d'origine indo-européenne*. Athènes: Ekdotike Athenon S.A., 1977
- SCHNAPP, A. Patriche e immagini di caccia nella grecia antica. *Dialoghi di Archeologia*, Ano I, Roma 1979, pp 36-59
- _____. Les morts entre l'objet et l'image. In: *La mort, les morts dans les sociétés anciennes*. Paris: Ed.Maison des Sciences de l'Homme, 1990, pp 17-27
- SNODGRASS, Antony — *La Grèce archaïque: les temps des apprentissages*. Paris: Hachette, 1980
- TREUIL, R. et al. *Le néolithique et le Bronze Ancien Égéens*. Paris: Boccard. 1983